

ZEFERINO VAZ

IDEIA DE

UNIVERSIDADE

Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira
Neire do Rossio Martins
(organizadoras)

ZEFERINO VAZ

IDEIA DE
UNIVERSIDADE

Prefácio
Ataliba T. de Castilho

Comentários
Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zeferino Vaz , ideia de universidade / Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira, Neire do Rossio Martins, (organizadoras) ; prefácio Ataliba T. de Castilho ; comentários Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

ISBN 978-85-7591-532-5

1. Educação – Brasil 2. Educação – Brasil – História 3. Ensino superior 4. Relatórios 5. UNICAMP – Campinas (SP) – História 6. Universidade Estadual de Campinas – Administração 7. Universidade Estadual de Campinas – História 8. Vaz, Zeferino, 1908-1981 I. Pereira, Elisabete Monteiro de Aguiar. II. Martins, Neire do Rossio. III. Castilho, Ataliba T. de. IV. Pereira, Elisabete Monteiro de Aguiar.

18-20239

CDD-378.81552

Índices para catálogo sistemático:

1. Vaz, Zeferino, 1908-1981 : UNICAMP :

Universidade Estadual de Campinas : Educação : História 378.81552

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final das organizadoras
bibliotecária: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 1 8

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

*Agradecemos a toda equipe do Arquivo Central/SIARQ
pelo apoio na seleção, conferência de documentos
e de imagens desta publicação.*

Especialmente agradecemos a:

Márcia A. Marques Silveira,

Telma Maria Murari

Vera Lucia Nascimento dos Santos.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

Ataliba T. de Castilho

INTRODUÇÃO 19

*Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira e
Neire do Rossio Martins*

CRONOLOGIA DE ZEFERINO VAZ 25

DISCURSO DO PROFESSOR DOUTOR ZEFERINO VAZ
NO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA CIDADE
UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS 35

RELATÓRIO DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA
UNIVERSIDADE DE CAMPINAS AO EGRÉGIO
CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO 43

DISCURSO DE ZEFERINO VAZ NA INAUGURAÇÃO
DO PRIMEIRO EDIFÍCIO NA CIDADE UNIVERSITÁRIA 83

A PROBLEMÁTICA DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA 93

DISCURSO DE ZEFERINO VAZ NA
INAUGURAÇÃO DOS EDIFÍCIOS DA
FACULDADE DE ENGENHARIA DE LIMEIRA 113

CIÊNCIA X HUMANISMO: UM DEBATE FALSO	123
CAMPINAS CAPITAL DA CIÊNCIA	133
A UNICAMP SEGUNDO SEU CRIADOR	141
RESPOSTA AO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO	155
EDUCAÇÃO SUPERIOR, INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E DEDICAÇÃO EXCLUSIVA	173
A PESQUISA INSTITUCIONAL E A UNIVERSIDADE	191
EDUCAÇÃO: FATOR DECISIVO DE DESENVOLVIMENTO	203
A TERCEIRA MISSÃO DA UNIVERSIDADE NAS NAÇÕES EM DESENVOLVIMENTO: PRESTAR SERVIÇOS DIRETOS À COMUNIDADE (DOZE ANOS DE EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP)	213
CÉREBROS COM LIBERDADE	239
DISCURSO NA TRANSMISSÃO DO CARGO DE REITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS AO PROFESSOR PLÍNIO ALVES DE MORAES, EM ASSEMBLÉIA UNIVERSITÁRIA REALIZADA EM 17 DE ABRIL DE 1978	253
A UNIVERSIDADE E A ECONOMIA BRASILEIRA	267
A UNICAMP E O AUXÍLIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS SEGUNDO ZEFERINO VAZ	301

Prefácio

APRESENTAÇÃO DE ZEFERINO VAZ,
A IDEIA DE UNIVERSIDADE

*Ataliba T. de Castilho*¹

*“Uma Universidade se constrói com
cérebros e não com edifícios”.*

Discurso de Zeferino Vaz,
ao transferir o cargo para seu
sucessor, em 1978.

Apresentar é “tornar presente, introduzir”. Tornar presente o pensamento de Zeferino Vaz sobre a universidade não poderia ocorrer em momento mais oportuno, pois seus ideais universitários não perderam sua atualidade, bem ao contrário.

Devemos esta oportunidade de reflexão ao Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas, que ora disponibiliza, em versão escrita, importantes documentos sob sua guarda, os quais tratam da concepção, criação e instalação de nossa universidade.

1. Professor Emérito da USP. Professor Titular Convocado do Instituto de Estudos da Linguagem. Criador do Sistema de Arquivos da Unicamp.

A oportuna iniciativa deste livro deve ser creditada aos esforços de Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira, Professora Titular da Faculdade de Educação e de Neire do Rossio Martins, Mestre e Diretora do Arquivo Central da Unicamp.

Elas enfeixaram aqui ensaios e discursos do Fundador, o relatório da Comissão Organizadora que ele presidiu, o planejamento da cidade universitária, mas, sobretudo, textos relativos à sua percepção inovadora do funcionamento e dos objetivos das universidades em geral, e da Unicamp em particular.

Estes textos do Prof. Zeferino Vaz bem poderiam ser intitulados as VÉSPERAS UNICAMPIANAS – e aqui peço licença a meu colega Ivo Castro por usar parte de uma expressão sua, quando denominou um plano de pesquisas linguísticas sobre as Vésperas Brasileiras, vale dizer, sobre o português de São Paulo.

Muito do que Zeferino Vaz projetou tornar-se-ia realidade, uma realidade de que professores, alunos e funcionários desfrutamos em nossos dias. Vícios antigos também sobrevivem. Para dar-lhes combate, nada como reler seu texto “Aristocracia, nepotismo e compadrio”.

Nesse documento, Zeferino Vaz analisa os sintomas da disfunção nas universidades brasileiras e destaca a centralidade que a Matemática assumiu nos centros de investigação mais adiantados do mundo.

Agora, a especulação científica fundada em “submeter ao raciocínio os fatos do mundo exterior e do mundo interior do homem”, como queriam os gregos, cederia o passo à postulação de hipóteses que seriam verificadas em dados bem escolhidos e controlados. Controlados matematicamente, pois “a matemática, através da teoria dos conjuntos, já se tornou uma espécie da gramática geral das ciências humanas, aí incluindo o Direito. A quantificação do fenômeno social é a última e mais recente conquista do pensamento humano desde o sucesso da aplicação da teoria dos conjuntos ao estudo da linguística”.

Ele destaca, igualmente, o isolamento das universidades em relação à “realidade socioeconômica e cultural. É quase total

a falta de entrosamento com as indústrias, para conhecer-lhes os problemas e procurar dar-lhes uma solução adequada”.

Elaborando este raciocínio, ele manifesta seu estranhamento de que muitos dos nossos problemas vêm sendo resolvidos por institutos de pesquisa não integrantes das universidades. Ele identifica as raízes dessa distorção ao modus operandi dos corpos docentes, pois “a grande maioria dos professores universitários persiste na mentalidade suicida de simples transmissores de conhecimentos adquiridos em livros estrangeiros”. Um libelo sem dúvida muito grave e de grande atualidade, que ainda se aplica em parte às nossas práticas acadêmicas.

Mas para justificar o que não dava certo em nossas universidades, era necessário identificar um bode expiatório. Foi escolhida a falta de recursos. Mas será que é isso mesmo?

Numa passagem de atualidade surpreendente (e penosa), ele relembra as continuadas lamúrias das instâncias universitárias, que responsabilizam o governo pela falta de verbas.

Com lucidez, o Fundador se opõe vivamente a essa “análise”, com estas palavras duras:

deixemos em paz o governo como bode expiatório pelo nosso fracasso, voltando-nos para as nossas consciências, e fazendo a seguinte pergunta: as Universidades brasileiras terão aplicado, adequadamente, os escassos recursos postos à sua disposição pelos governos de uma nação pobre?”

Ora, onde estariam os sinais do uso inadequado dos “escassos recursos”? Segundo Zeferino Vaz, “a Casa Grande, dos senhores de engenho, transferiu-se para as Universidades, como consequência da mentalidade aristocrática que caracteriza o catedrático brasileiro”. Ele enumera o resultado dessas transferências, e aqui transcrevo suas palavras:

“O culto do monumental, através da construção de edifícios grandiosos e de fachadas imponentes”.

1. “Reitorias de alto luxo e anfiteatro do mais elevado custo”.
2. A resistência feroz à implantação de novas práticas, desenhadas pelas muitas Comissões encarregadas de analisar as coisas. A Casa Grande não quer! A Casa Grande não deixa!!
3. Fixando-se agora em universidades como a USP, e falando com base em seus 32 anos de exercício de cátedra, e de 26 anos como membro do Conselho Universitário dessa universidade, Zeferino Vaz denuncia que, o Plano Diretor, concebido em sua instalação, em 1934, foi inteiramente rechaçado pelos “tradicionalistas, catedráticos das Faculdades existentes, escudados na liberdade e na autonomia das cátedras”. Eles “impediram que vingasse o objetivo pioneiro, a visão antecipada do grande estadista bandeirante”, numa referência a Armando de Sales Oliveira.
4. Como se expressou esse rechaço às boas ideias? Zeferino Vaz explica:

tudo derivou da transigência com a mediocridade. A causa básica da decadência foi sempre a mesma: o afrouxamento dos critérios de seleção de valores, a consequente admissão de medíocres nos quadros docentes e o sentimentalismo fácil que impede a eliminação dos incapazes. É muito cômodo, mas criminoso, ostentar falsa bondade à custa do dinheiro público e do futuro da ciência.

E mais adiante:

Nada resiste à mediocridade destruidora e nada é tão unido quanto um grupo de medíocres para combater e destruir o talento (grifos meus). Nada é tão contagiante quanto a inércia e a rotina, nada supera a capacidade de intriga dos espíritos medíocres, os quais por vezes, e com diabólica

esperteza, se escondem sob as máscaras da humildade, da subserviência, da meia ciência e da falsa ciência.

Palavras de sabedoria! Palavras de uma terrível atualidade!!

1. A Universidade se engessou, por obra e graça do professor catedrático, assim definido:

A posição de professor catedrático confere, ao seu titular, o “status” do senhor feudal, de barão e cutelo, distribuindo a justiça e com direito de vida e de morte espiritual sobre seus assistentes e seus alunos. Incontestavelmente é a única estrutura social medieval persistente no século XX. Ensina, nomeia os seus auxiliares de ensino, demite-os à sua vontade. Ensina o que quer e permite ou não que seus colaboradores pesquisem ou ministrem cursos. A cátedra funciona como um castelo, em torno do qual existe um fosso profundo, com uma só entrada através de uma ponte levadiça que só é baixada por ordem do professor.

É humano que o feliz possuidor de tão confortável posição queira transmiti-la, por herança, aos seus filhos legítimos ou aos filhos espirituais e que, para alcançar esse objetivo, afaste, qualquer possível corrente e utilize todos os subterfúgios. Esse nepotismo biológico ou espiritual tem determinado, de um lado, a perda de numerosos indivíduos altamente capacitados e, de outro, tem contribuído para a seleção negativa de valores e, conseqüentemente, a decadência de instituições de alto nível”. Transcrito de “A problemática da Universidade Brasileira.

A Unicamp já nasceu sem catedráticos, tendo sido organizada, inicialmente, à volta de Institutos Básicos (Matemática, Física, Química, Biologia e, mais tarde, Filosofia e Ciências Humanas, Estudos da Linguagem, Educação e Artes) e de Faculdades

profissionalizantes (Ciências, Medicina, Enfermagem, Engenharia, Tecnologia de Alimentos).

Essas unidades não deveriam funcionar ao acaso, mas, sim, de uma forma articulada. Os Institutos se responsabilizariam pela criação do conhecimento e pelo ensino básico. As Faculdades, pelo ensino profissionalizante. Colégios técnicos completariam a estrutura da nova universidade. A concepção da Unicamp, portanto, se baseou num plano articulado, evitando-se um crescimento desordenado, ocasional, sem uma clara concepção de universidade.

Refletindo sobre a concepção da Universidade de Brasília, bastante inovadora, de que tinha sido Reitor, Zeferino Vaz concebeu uma cidade universitária, cujo centro constaria de,

uma praça central circular de grandes dimensões, em cujo perímetro se construíssem os edifícios de todos os Institutos, além da Reitoria e da Biblioteca Central. A praça seria um imenso jardim oferecendo os elementos estéticos necessários e repousantes, rodeada pelos prédios dos Institutos e pela grande Reitoria, todos de construção sóbria e discreta. Terá destaque, porém e ocupará a área perimetral de mais significação o edifício da Biblioteca Central. Para ele, como símbolo e depositário da sabedoria, hão de estar voltados subalternamente todos os demais edifícios. Será belo, majestoso e digno porque só a sabedoria humana voltada para o bem do homem e ao serviço de Deus, merece ser abrigada com toda a dignidade e toda a majestade.

Imaginamos mesmo que, compondo a fachada do edifício da Biblioteca, se construa uma fonte de água abundante e cristalina que traduza simbolicamente o sentido que a Biblioteca tem de fonte de sabedoria onde todos os cientistas, filósofos, artistas e letrados vão saciar a sede do saber.

Esse desenho do campus foi concebido para concretizar a ideia da Universidade simbolizada em seu logotipo: um espaço central de que derivam, numa estrutura radial, os terrenos em que seriam construídos os prédios dedicados às diferentes ciências: prédios modestos, levantados com materiais baratos, em que

a pompa e a circunstância cederiam o passo ao conhecimento científico que ali se constituiria.

Para que tudo funcionasse bem, Zeferino Vaz delineou desde logo uma política de contratação de docentes. Foram trazidos do exterior expoentes da ciência, que trocaram a segurança de suas instituições no estrangeiro pela aventura campinense, até então insegura, como inseguros são os projetos em seus momentos inaugurais.

Eles por certo confiaram suas carreiras acadêmicas a um experimentado pesquisador, que tinha dotado a USP de novos laboratórios e que – mais do que nunca – comprovara sua capacidade de administração acadêmica na fundação da inovadora Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Sobre a educação superior, a investigação científica e a dedicação exclusiva, Zeferino Vaz dedicou um ensaio igualmente publicado neste livro. Ele aborda ali os seguintes tópicos, de grande atualidade:

1. “Todo professor de nível universitário deve ser também um criador de pensamento original. Sua função é a de educar, e não simplesmente ensinar a juventude universitária da nação”. Esta afirmação marcou fortemente a Unicamp: basta observar que a maior parte de seus cursos foram implantados inicialmente pela pós-graduação. Somente depois viria a graduação. A pesquisa científica para a qual os alunos foram educados, no sentido etimológico da palavra, isto é, “conduzidos”, precedeu seu ensino, isto é, sua formação profissional. Outra lição que se colhe aqui é que primeiro se pesquisa, e depois se ensina.
2. O corolário dessa afirmação é que “a figura do pesquisador puro, que não ensina, é incompreensível”, salvo em casos em que devemos aceitar o pesquisador que, “por introversão ou por dificuldade de expressão oral, não leciona cursos regulares de formação profissional”. Mas ele reconhece que essa possibilidade é rara, e pode ser revertida.

3. “Como todo o crente que assumiu uma verdade, o verdadeiro cientista transforma-se em apóstolo da ciência e capaz de sofrer por ela, preocupa-se em pregá-la e desenvolvê-la, e sente o anseio profundo de formar discípulos que por sua vez a transmitam e a desenvolvam e a perpetuem”.
4. Para que estas ideias possam concretizar-se é fundamental que os professores atuem em regime de dedicação exclusiva.

Quanto à admissão de alunos na universidade, Zeferino Vaz tinha uma posição firme, não se importando com eventuais incompreensões. Assim, respondendo a um repórter da Revista Visão, que buscava sua opinião sobre o acesso indiscriminado à universidade, para sua democratização respondeu que “Isso não é democratização. É degeneração, degradação do ensino. Democratização é dar iguais oportunidades a quem tem capacidade”.

Para ele, a democratização do ensino começa pela supressão da cátedra, contida na reforma universitária a Lei de Diretrizes e Bases de 1971. A figura do catedrático foi substituída “por um colegiado, um verdadeiro departamento constituído de professor titular, professores adjuntos, doutores e mestre. Isso é que é democratização do ensino”.

Também com respeito à doutrinação política em sala de aula, Zeferino Vaz se manifestou com a firmeza de costume:

Não me interessam as ideologias políticas ou religiosas dos componentes da universidade. Não obrigo a consciência de ninguém. O que não posso admitir é que, na universidade, se procure doutrinar. Pois um professor que se transforme num doutrinador de ideologia política está sendo covarde, já que abusa de sua incontestável superioridade mental, cultural e hierárquica, para induzir jovens adolescentes que ainda estão buscando um caminho.

E pouco além: “Não me desagradam as ideias conflitantes e o debate. Ao contrário, estímulo tais manifestações”. Mais palavras de uma grande atualidade!

Por fim, em seus escritos o Fundador se preocupou bastante com os serviços de extensão à comunidade. Num documento de 1978, apresentado à Conferência Mundial sobre Inovação na Educação Superior, realizado nos Estados Unidos, ele apoiou essa atividade, relacionando o que a Unicamp tinha realizado até então: apoio às pequenas empresas, serviços de saúde (e aqui ele menciona a prevenção do câncer uterino e mamário, a campanha de aleitamento natural), busca de solução para os problemas educacionais, assessoria à produção industrial e ao desenvolvimento tecnológico (telecomunicações, transportes, engenharia de alimentos), saneamento básico, entre outros.

Aqueles que vivem o dia a dia da Unicamp sabem o quanto esses ensinamentos foram aplicados com consciência pelos sucessores de Zeferino Vaz.

Entretanto, tendo lecionado nas três universidades oficiais paulistas, peço permissão para relatar uma experiência única, vivida no Departamento de Linguística da Unicamp. Eu tinha sido nomeado em 1975, e num dado dia o Reitor Zeferino Vaz apareceu, sentou-se junto com os professores, e depois de ser informado sobre o que estávamos fazendo, perguntou se dispúnhamos dos equipamentos necessários para o nosso trabalho.

Fiquei espantado, pois pela primeira vez testemunhava um Reitor que saía de seu gabinete e ia conversar com os professores, em seu ambiente de trabalho. Experiência que, infelizmente, nunca se repetiu.

Mas voltando à visita, o Reitor nos aconselhou vivamente a só escolher os melhores para completar o corpo docente. Com ênfase, disse que às vezes errávamos, contratando um professor medíocre. Nessa hipótese, devíamos demiti-lo imediatamente, pois caso contrário ele se uniria a outros medíocres, e quem sairia voando pela janela seríamos nós mesmos.

Nunca me esqueci dessas palavras. Infelizmente, testemunhei ocasiões em que seu prognóstico se confirmaria. Culpa do governo? Não, falha nossa.

Campinas, setembro de 2016.

INTRODUÇÃO

*Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira
Neire do Rossio Martins*

Esta obra teve o objetivo de favorecer ao público leitor um maior conhecimento sobre as ideias e conceitos do Prof. Zeferino Vaz sobre o que é universidade e de como estes embasaram e consolidaram o projeto da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. O livro está ancorado em documentos selecionados do Acervo de Zeferino Vaz, preservado no Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade – SIARC. Este Arquivo é órgão da Reitoria e é responsável pela gestão e preservação de documentos produzidos pela universidade e de documentos que dizem respeito a ela, incluindo acervos pessoais de professores, alunos e funcionários considerados de interesse para a pesquisa.

O acervo de Zeferino Vaz está constituído por documentos doados pela família à universidade, em 1984. Também fazem parte do acervo, escritos e documentos do seu escritório mantido na Universidade de São Paulo, documentos conservados em sua sala, na Universidade Estadual de Campinas, relativos a seu tempo como Reitor e como presidente da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp – Funcamp, a qual presidiu até o seu falecimento em 1981.

Constam do acervo inúmeros ofícios, relatórios, artigos, discursos, entrevistas, notícias em diversas mídias, séries de

cartas, entre outros, formando um conjunto representativo de sua vida pessoal e de sua intensa atuação profissional. É um acervo relativo ao período de 1930 a 1981, compreendendo sua época de estudante, seu doutorado em medicina pela Universidade de São Paulo, sua atuação como professor e diretor da Faculdade de Medicina Veterinária e da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. O acervo tem também registro de suas atividades como Secretário de Saúde do Estado de São Paulo, como presidente do Conselho de Educação de São Paulo, como um dos fundadores da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp e como reitor da Universidade de Brasília.

A organização dos discursos, entrevistas, artigos e relatórios feita para esta obra pautou-se somente nos escritos de Zeferino Vaz sobre educação superior, e, notadamente, os escritos, discursos, entrevistas e relatórios sobre o plano, a organização, a estruturação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, sua mais importante obra.

As organizadoras tiveram como interesse e meta, favorecer aos leitores o conhecimento das fontes primárias sobre o pensamento do idealizador e fundador da Unicamp, instituição que completou 50 anos em 5 de outubro de 2016. Buscaram sobretudo, possibilitar reflexões sobre as bases conceituais sobre universidade no projeto da Unicamp.

Embora todos os documentos aqui utilizados possam ser consultados diretamente no Arquivo Central da Unicamp, a reunião em um só espaço e no formato de livro nos pareceu uma oportunidade de favorecer a um público maior, a leitura, o conhecimento e a apreciação das ideias de Zeferino Vaz sobre a concepção de uma nova universidade pública no estado de São Paulo e sobre as ações efetivadas para que o projeto se tornasse realidade.

A motivação para esta publicação veio do feliz encontro de interesses das organizadoras por ocasião da participação de Neire do Rossio Martins nas aulas da disciplina sobre ensino superior, ministrada pela professora Elisabete Monteiro Aguiar Pereira, no Programa de Pós-Graduação, na Faculdade de Educação. O programa da disciplina discutia os modelos de universidade no mundo e no

Brasil e sentíamos a falta de uma obra que pudesse apresentar o projeto da Unicamp, conforme pensado e implementado pelo seu criador.² Sentíamos que esse conhecimento se fazia insuficiente aos acadêmicos da Unicamp, aos demais estudiosos da universidade brasileira, e, mais profundamente, sentíamos que o pensamento e as ideias de Zeferino Vaz sobre universidade deviam ser amplamente conhecidos. Assim, organizar e apresentar ao público em geral os documentos do período de 12 anos de Zeferino Vaz à frente da Reitoria da Unicamp, foi o que nos estimulou a preparar esta obra.

Corpo e alma da Unicamp estão nestes textos, desde o primeiro documento intitulado “Lançamento da Pedra Fundamental da Cidade Universitária da Universidade de Campinas” em 5 de outubro de 1966, até seu último discurso como reitor, em 17 de abril de 1978, intitulado “Discurso proferido pelo Professor Zeferino Vaz ao transmitir o cargo de Reitor da Universidade Estadual de Campinas ao Professor Plínio Alves de Moraes em Assembleia Universitária”. Os textos estão organizados cronologicamente e cada um dos documentos é precedido por uma pequena apresentação elaborada por Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira intitulada “Palavras Introdutórias”.

A obra tem dezoito capítulos sendo quatro relativos a discursos proferidos, onde explicita a ideia de universidade, três entrevistas com abordagens sobre a Unicamp, um relatório. Este relatório é de extrema importância para os objetivos deste livro, pois se trata do “Relatório da Comissão Organizadora da Universidade de Campinas ao Egrégio Conselho Estadual de Educação”. Outros dez textos reflexivos sobre a Unicamp, sua estrutura administrativa e física, corpo docente e discente e sua função social completam a obra.

-
2. Para o leitor interessado indico a leitura de duas importantes obras que também se referem ao conceito de universidade no projeto da Unicamp: *O Mandarim*: história da infância da Unicamp, escrito por Eustáquio Gomes e publicado pela Editora da Unicamp, em 2006. *O conceito de universidade no projeto da Unicamp*/Fausto Castilho, organizado por Alexandre Guimarães Tadeu de Soares, publicado pela Editora da Unicamp, em 2008.

Os textos que compõem esta obra revelam que Zeferino Vaz reflete sobre universidade de forma fundamentada, com profundo conhecimento teórico e conhecimento sobre as questões que se passavam nas universidades do mundo, particularmente na Europa e Estados Unidos, bem como conhecimento sobre a educação superior brasileira, advindos de sua experiência de vida universitária e administrativa. Ao iniciar o projeto da Unicamp, Zeferino havia sido, por onze anos, diretor da Faculdade de Medicina Veterinária da USP (1936-1947), por treze anos, diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP (1951-1964) e reitor da Universidade de Brasília por um ano (1964-1965).

Esta obra apresenta a noção da ideia de universidade que nutria Zeferino Vaz ao organizar outra universidade pública paulista. Embora possamos dizer que as ideias expostas expressam uma concepção de universidade que tem raiz no tempo histórico em que foi planejada, verificamos que depois de 50 anos ela se faz atual, a despeito das mudanças econômicas, políticas, culturais e educacionais desta segunda década do Século XXI.

Ao falar de Zeferino Vaz podemos tomar em consideração as palavras de Jaspers (1965, p. 60) ao diferenciar o “nobre intelectual do servo intelectual”. Para Jaspers, um nobre intelectual se absorve a perseguir dia e noite o objeto de seu pensamento, segue sua ideia assumindo riscos e perigos, mas “atento aos murmúrios de sua alma” (idem). O servo intelectual exige a separação do trabalho e dos lazeres, “quer uma direção, um programa de estudos, um plano de trabalho” (*ibidem*). Zeferino Vaz foi um nobre intelectual e se pode ver isso em seus discursos, entrevistas, artigos os quais apresentam a força de sua ideia, a coragem de suas ações, a magnitude de seu espírito universitário e a obstinação de seu trabalho para implementar o projeto da Unicamp.

Seus textos revelam a relação que há entre sua concepção de universidade com a organização administrativa, acadêmica e física da Unicamp. São também claros seu compromisso com as demandas sociais e sua visão sobre a necessária contribuição da universidade com o desenvolvimento da ciência, visando uma intrínseca relação da sociedade com o mundo científico e vice-versa.

Zeferino Vaz argumenta que a ação de uma universidade não se restringe à influência local, ao contrário, seu alcance ultrapassa os limites locais, regionais e nacionais e se faz presente na sociedade global. Verifica-se que para ele há uma grande responsabilidade da universidade para com o desenvolvimento de seu país e que este depende daquela para florescer. Para Whitehead (1969), as nações progressivas são aquelas onde as universidades são florescentes. Por 12 anos, Zeferino Vaz conduziu a Unicamp de forma que ela fosse florescente no plano dos valores intelectuais, no desenvolvimento da pesquisa científica e no atendimento às demandas sociais. A Unicamp nasce com vocação de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. Nasce voltada para atender às necessidades de seu tempo histórico, mas com uma concepção que, desde seu início, a projetou para seu presente e seu futuro.

Referências

- JASPERS, K (1965). *The Idea of the University*. Londres: Peter Owen.
- WHITEHEAD, A. N. (1969). *Os fins da educação e outros ensaios*. São Paulo: Edusp.